

(experimentadesign)

DISPLAY:
OBJECTS,
BUILDINGS
AND SPACE

PALÁCIO
QUINTELA

16.12.2010 /
30.01.2011

(experimentadesign)

DISPLAY:
OBJECTS,
BUILDINGS
AND SPACE

BAGINSKI, GALERIA/PROJECTOS

CRISTINA GUERRA CONTEMPORARY ART

GALERIA FILOMENA SOARES

GALERIA GRAÇA BRANDÃO

MARZ GALERIA

VERA CORTÊS ART AGENCY

Display: Objects, Buildings and Space é uma exposição sobre a relação entre a arte e o espaço, os objectos e os edifícios. Seis galerias de Lisboa foram convidadas pela experimentadesign a pensar sobre este tema e a propor um conjunto de obras seleccionadas de entre os artistas com quem trabalham. O papel das galerias no apoio à produção artística é absolutamente fundamental para quem a ela se dedica, tal como a quem dela usufrui. Confere também aos galeristas um entendimento profundo sobre os artistas, as suas obras e o seu modo de ver o mundo. Deste modo, e não sendo os galeristas a maior parte das vezes curadores, todos eles desenvolvem um olhar perscrutador e crítico sobre a arte e a actividade artística, acrescentando-lhe uma dimensão de análise e penetração tão mais rica quanto o seu ponto de vista é ambivalente. Ainda que extrínsecos ao processo, os galeristas também não estão na posição de simples observadores: tornam-se uma referência norteadora, uma primeira instância de contacto e reflexão entre a obra e aquela que será a sua exposição a um público mais alargado. No desenvolvimento do desenho de Display: Objects, Buildings and Space, os galeristas seleccionaram um grupo de obras que a experimentadesign, por sua vez, olhou no seu conjunto, procedendo a uma segunda selecção que privilegiou não só a coerência e equilíbrio no âmbito do tema mas também a sua relação com o espaço único que é o Palácio Quintela.

Para a experimentadesign, cujo território é o design, a arquitectura e a cultura de projecto, o relacionamento com todas as outras formas de expressão criativa, cultural e científica é imprescindível e está na génese do trabalho da associação, desde a sua criação em 1998. Assim, esta exposição inaugura um ciclo programático com o título genérico “Display:”, que tem como ponto de partida o convite da experimentadesign a uma série de interlocutores culturais, nacionais e internacionais, das mais variadas áreas, para responderem a um desafio temático.

Galerias convidadas:

Baginski, Galeria/Projectos

Cristina Guerra Contemporary Art

Galeria Filomena Soares

Galeria Graça Brandão

MARZ Galeria

Vera Cortês Art Agency

(experimentadesign)

ANDRÉ ROMÃO / ÂNGELA FERREIRA /
DANIEL BLAUFUKS / DIOGO PIMENTÃO /
GONÇALO SENA / HELENA ALMEIDA /
JOÃO GALRÃO / JOÃO PENALVA /
JOÃO SEGURO / JOHN WOOD AND
PAUL HARRISON / JOSÉ PEDRO CROFT /
LAWRENCE WEINER / MAURO CERQUEIRA
/NICOLÁS ROBBIO / NUNO RAMALHO E
RENATO FERRÃO / NUNO SOUSA VIEIRA /
RUI CALÇADA BASTOS / RUI CHAFES /
RUI TOSCANO / RUI VALÉRIO

Baginski, Galeria/ Projectos

www.baginski.com.pt

André Romão e Gonçalo Sena - correlação simultânea

André Romão e Gonçalo Sena são nomes emergentes do panorama artístico nacional que começam, aos poucos, a gerar interesse internacional. Tendo em conta a faixa etária, são ambos donos de um currículo revelador. Nesta exposição pretende-se salientar a conexão existente entre os trabalhos destes autores, nomeadamente no que concerne o entendimento espacial. Embora o modo de tratamento do conceito seja antagónico, as obras expostas articulam-se com coerência. No caso de André Romão, cujo trabalho deriva de uma reinvenção ou mesmo de um repensar de referências, quer históricas, quer literárias, adquirindo por vezes uma conotação política, o artista vem construir todo um universo de cariz metafórico. As obras homónimas “Modelo para sede do sindicato dos mineiros” têm o poder de remeter o espectador para um ambiente onde abundam elementos arquitectónicos primários. No seu trabalho, Gonçalo Sena tem vindo a aprofundar questões que se encontram directamente ligadas à temática espacial e ao modo como as formas interagem com o observador. Com “Molde/Modelo para eixos verticais”, o artista desafia a gravidade com planos pontiagudos, dispostos entre si, jogando com o plano horizontal que metaforiza o plano terrestre. A dimensão espacial é bem notória nos traços desenhados, num relevo escultórico capaz de transportar o espectador para um espaço arquitectónico, como sucede com a série de cinco desenhos “Sem título”.



ANDRÉ ROMÃO

Modelo para sede do sindicato dos mineiros, 2008

Impressão digital a partir de negativo 35mm
10x15cm (cada)

Este trabalho surge no contexto de uma série que parte da greve mineira no Reino Unido nos anos de 1884/85. As imagens são uma documentação fotográfica de pequenas esculturas semelhantes a maquetas construídas em papel. Um projecto utópico que actuaria historicamente de forma retroactiva como uma maqueta para um acontecimento passado, mais que um estudo arquitectónico efectivo, este trabalho cria um lugar abstracto, um cenário, para uma série de acontecimentos históricos.

ANDRÉ ROMÃO

Vitrúvio, 2010

Impressão lambda sobre PVC
70x100cm

Esta fotografia mostra uma escultura pública em Roma do teórico romano de arquitectura. A escultura decapitada apresenta-se quase como uma alegoria indecifrável, em que as múltiplas imagens sugeridas confrontam pólos tão antagónicos como arquitectura e racionalismo, vandalismo e construção, teoria e vernacularidade.

André Romão (Lisboa, 1984) vive e trabalha em Berlim, onde desenvolve uma residência artística na Künstlerhaus Bethanien como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Formado em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa, nos seus trabalhos André remete o espectador para um universo artístico convocando a literatura, poesia, filosofia e história e trabalhando variados suportes entre eles desenho, fotografia, vídeo e instalação. Vencedor do Prémio EDP Novos Artistas em 2007, em 2010 realizou uma exposição individual na Kunsthalle Lissabon e participou nos Solo Projects, ARCO Madrid, a par de mostras colectivas no Museu da Electricidade, Fundação Calouste Gulbenkian e Museu de Serralves. André Romão tem exposto regularmente desde 2006, incluindo: “Desenhos [Drawings] A-Z. Colecção Madeira Corporate Service”, Museu da Cidade, Lisboa; “Democracia entre Tiranos”, Galeria Pedro Cera, Lisboa; “JENSEITS”, EnBlanco, Berlim (2009); “Ocorrência”, Baginski, Lisboa; “Luoghi per Eroï”, Vianuova Arte Contemporânea, Florença; “A River Ain’t Too Much To Love”, Spike Island, Bristol; “Tracção”, Artecontempo, Lisboa (2008); “Antes que a Produção Cesse”, Espaço Avenida (2007), “A Derrota”, Galeria do Lagar do Azeite, Oeiras e “O Pavilhão de Augusta Narval”, Lisboa (2006).



GONÇALO SENA

Molde/Modelo para eixos verticais, 2010

Grafite sobre madeira, fotocópia, cimento, ferro e vidro
80x80x45cm

GONÇALO SENA

Sem título, 2010

Impressão lambda
70x100cm

A escultura Molde/Modelo para eixos verticais e a fotografia Sem título fazem parte de uma série de trabalhos relacionados com a ideia de visibilidade e invisibilidade relativas ao que está sobre e debaixo da terra, numa perspectiva de estado de ruína e acto de projecção. A mesa-plinto é constituída por materiais base de construção arquitectónica, ferro, cimento e vidro, e mostra duas propostas para acentuação espacial de eixos verticais: uma secção de mármore de um aqueduto pode ser um molde para uma coluna; três triângulos rectos de grafite em equilíbrio sob um eixo central, um estudo escultórico para ser erguido. A fotografia mostra o desenho de uma estrutura também piramidal – tal como na mesa, mas agora sem o eixo central visível – e foi fotografada no espaço como encontrada, como um registo visual arqueológico.

Gonçalo Sena (1984) licenciou-se em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa em 2007. Concentrando a sua prática na utilização do desenho enquanto modo de pensar, realiza peças normalmente apresentadas na forma de escultura e/ou instalação. Os seus desenhos tanto funcionam como esboços de projectos futuros ou realizados, como se transformam em objecto final, traçando ligações. Os seus trabalhos mostram uma linha constante e estruturante de investigação à volta do espaço, a sua materialidade e imaterialidade, interferência connosco e potência real e conceptual.

O ano de 2010 assistiu à sua primeira mostra individual na Baginski Galeria/Projectos. Nomeado para o Prémio Novos Artistas EDP em 2009, expôs no Museu da Electricidade/Fundação EDP, Lisboa, a par da participação num projecto em The Mews, Londres e nas colectivas “On the Razor’s Edge”, Galeria Heinrich Ehrhardt, Madrid e “JENSEITS”, EnBlanco, Berlim. Gonçalo Sena expõe regularmente desde 2006, destacando-se as exposições “O contrato do desenhista”, Plataforma Revolver, Lisboa; “Finisterra”, Centro Cultural de São Lourenço; “Tracção”, ArteContempo, Lisboa, que co-organizou (2008); “Antes que a produção cesse”, Espaço Avenida, Lisboa (2007); “A Derrota”, Galeria Municipal Lagar de Azeite, Oeiras e “Para – tra il concetto di corpo e sogno”, Turim (2006).

Cristina

Guerra

Contemporary

Art

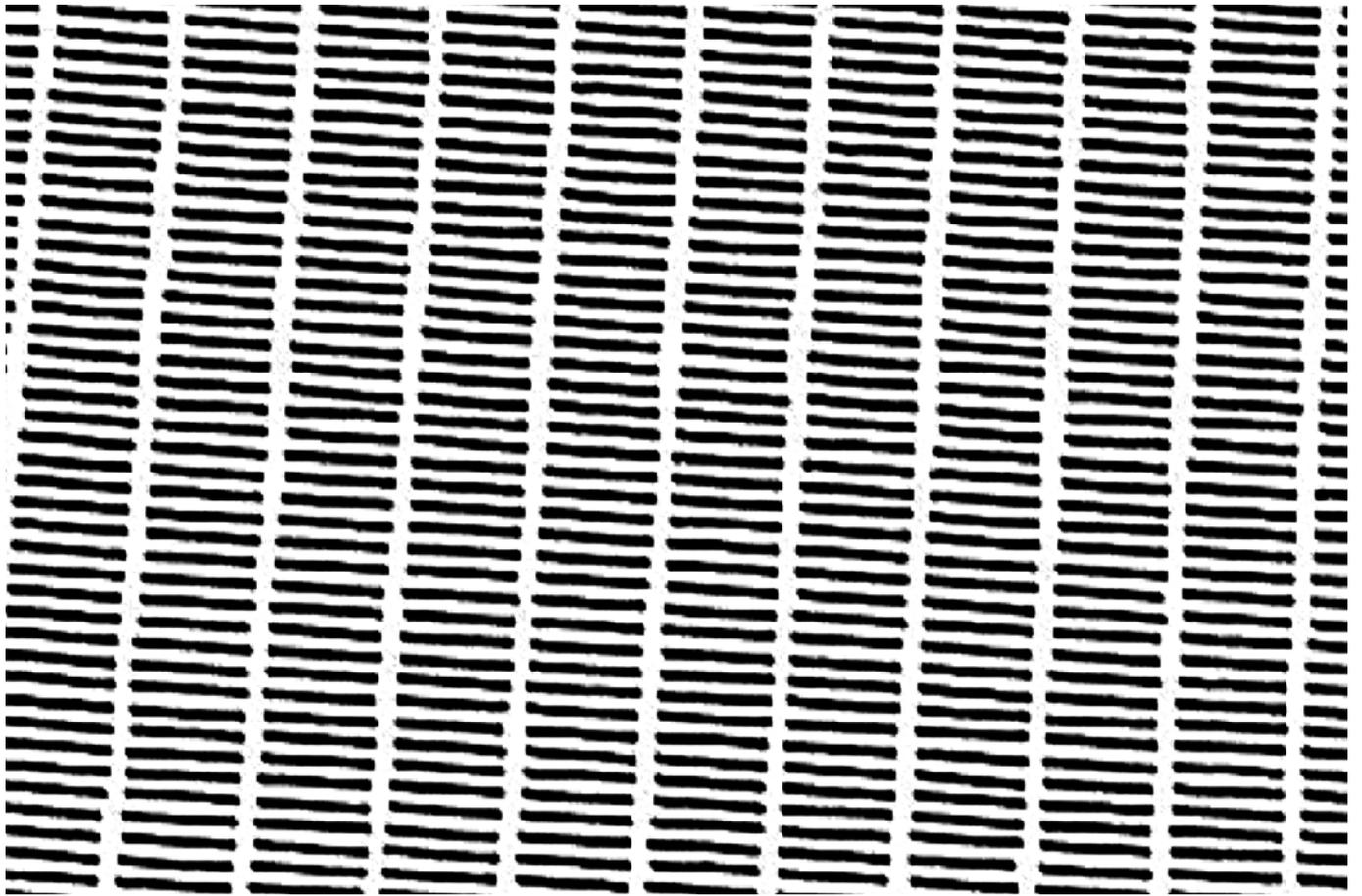
www.cristinaguerra.com

A escolha destes dois artistas prende-se com uma das missões da Galeria Cristina Guerra desde a sua fundação: a valorização e conseqüente internacionalização de artistas nacionais como Rui Toscano e a selecção de artistas de renome já consolidado no mercado e na história da arte como Lawrence Weiner. Nesta exposição apresentam-se obras destes artistas que se relacionam directamente com os conceitos de espaço, objecto e arquitectura, com eles interagindo de formas diferentes e particulares. Ambos partem de um binómio arte/vida que resulta de uma reinterpretação do mundo que os rodeia. A capacidade de ambos recriarem e darem novas vidas aos meios tradicionais tais como a pintura e o desenho, entra, a nosso ver, em consonância com um projecto como a experimentadesign: o experimentalismo, a indefinida fronteira entre meios, a capacidade de inovar e, ainda, a relação com a existência contemporânea.

Rui Toscano (n. 1970) a partir do recurso a diferentes media (escultura, som, vídeo, instalação, desenho) tem revelado, ao longo do seu percurso, uma enorme capacidade de abertura a diferentes potencialidades criativas, dentro dos sistemas de referência e soluções formais. Desde há algum tempo que as suas séries têm como enfoque a paisagem urbana que é transformada em desenhos, ficcionando-as. Para este artista, que se pode definir como verdadeiro “cidadão do mundo” ou inquisidor da contemporaneidade e dos dispositivos urbanos, a cidade torna-se um manancial de formas e perspectivas que se oferecem à criação ou, melhor dizendo, à recriação. Inspirando-se em São Paulo ou Lisboa, Toscano explora, sistematicamente, as diferenças de escalas entre as diferentes urbes e a forma como estas influenciam a dimensão existencial dos indivíduos nelas situados. A sensibilidade deste artista para os elementos arquitectónicos, industriais e tecnológicos, que são posteriormente transformados num registo tradicional analógico como o desenho, actualizando-o como meio, permitem enquadrá-lo numa zona cujas fronteiras estão pouco definidas (característica da herança do hibridismo pós-modernista) tais como arte e design, arquitectura e design ou arquitectura e arte (na forma específica da instalação).

Lawrence Weiner situa-se igualmente neste limbo, pese embora o facto de definir as suas instalações sempre como verdadeiras esculturas no sentido em que, preocupado com a materialidade da aparente abstracção das suas sentenças linguísticas ou comunicativas, oferece à contemplação objectos dispostos a sofrer os processos inerentes a qualquer execução artística. A saber: composição, organização no espaço, relação entre os elementos e preocupação com a materialidade. E supõe-se que serão assim vistos: como materiais dispostos à livre recepção e interpretação do observador. Fruto de uma enorme liberdade, a obra de arte é acolhida, sem restrições, no espaço, adaptando-se a ele, criando-o ou alterando-o radicalmente.

À estética tradicional da produção e da representação substitui-se (ou melhor funde-se) uma estética da recepção e dos efeitos. A sua obra constitui-se na perspectiva de uma verdadeira dialéctica: da obra com a cultura, do autor com a obra, do autor com a cultura, da obra com o receptor, do autor com o receptor, do receptor com a cultura, numa interacção mais aberta e infinita de perguntas e respostas. É este diálogo que afirma a relação entre a arte, no seu sentido mais lato, com a própria vida.



RUI TOSCANO

To the Mountain Top, 2004

Vídeo, PAL, p/b, som, 10' 55'

Cortesia Cristina Guerra Contemporary Art, Lisboa

Rui Toscano nasceu em Lisboa, onde vive e trabalha. Nos seus vídeos, esculturas sonoras ou desenhos, a paisagem – seja urbana, seja numa dimensão cosmológica – afirma-se enquanto campo preferencial na exploração da percepção e na construção da imagem. O motivo destes desenhos, cuja série surge a partir de 2002, é a paisagem urbana de São Paulo. Mais precisamente, fragmentos de prédios. O modus operandi é característico de Toscano, tratando-se de registos a preto e branco, feitos com marcador de feltro, a partir de diapositivos que são enquadrados em novas composições. A reinterpretação destes elementos é feita através de um registo vídeo onde se executa um travelling de baixo para cima. Este movimento cria uma espécie de narrativa rítmica cujo som, que se transforma em material constitutiva da própria obra transmite a ideia de uma vivência industrial, transformando-se numa experiência perceptiva. A alternância entre os ritmos lentos e acelerados do vídeo vão dotando a peça de uma característica musical que aproxima o artista do trabalho do DJ (video jamming), remixando os elementos que tem à sua disposição. A ascensão alucinante termina no céu acima destes edifícios, fazendo referência à megalomania das cidades actuais na construção de gigantes edifícios, como uma espécie de metáfora à ambição humana de alcançar um plano superior.

Rui Toscano (n. 1970) nasceu em Lisboa, onde vive e trabalha. Estudou Pintura no Ar.Co (Centro de Arte e Comunicação Visual) e Pintura e Escultura na FBAUL (Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa). Nos seus vídeos, esculturas sonoras ou desenhos, a paisagem – seja urbana, seja numa dimensão cosmológica – afirma-se enquanto campo preferencial na exploração da percepção e na construção da imagem. Desde 1993, o seu trabalho tem sido mostrado em exposições individuais e colectivas, em galerias, museus e espaços alternativos, dentro e fora de Portugal.

& FROM THE ABOVE

& FROM THE BETWEEN

& FROM THE BENEATH

LAWRENCE WEINER

& From the Above, 2006

Linguagem + materiais referidos

Dimensões variáveis

Cortesia Cristina Guerra Contemporary Art, Lisboa

Lawrence Weiner vive e trabalha entre Nova Iorque e Amesterdão. Para Weiner, a arte é um facto empírico que reflecte a relação dos objectos com outros objectos e destes com o ser humano. & From Above é um dos muitos exemplos da exploração da comunicação como objecto artístico que é acolhido por um lugar, transformando posteriormente esse espaço numa instalação disposta à livre interpretação. As suas obras primam por um minimalismo e uma economia de meios que, simultaneamente, releva um complexo jogo de significações e o coloca numa perspectiva conceptual que é contrariada pela enorme vontade objectual (ou objectiva) e afirmação “escultural”. A seu respeito citamos Roland Barthes: «*Neste texto ideal, as redes são várias e interagem, sem que nenhuma delas seja capaz de se sobrepor às outras; este texto é uma galáxia de significantes, não uma estrutura de significados; não tem um início; é reversível; acedemos a ela por diferentes entradas, nenhuma das quais podendo ser considerada como a principal; os códigos que ela mobiliza estendem-se tão longo como os olhos podem alcançar; o sistema de significado pode tomar conta deste texto absolutamente plural, mas o seu número nunca é fechado, porque é baseado na infinitude da linguagem*».¹

Nascido no Bronx em 1942, Lawrence Weiner frequentou o ensino público na cidade de Nova Iorque e passou o final dos anos cinquenta e início dos anos sessenta a viajar através da América do Norte (EUA e Canadá) e México. A primeira apresentação do seu trabalho realizou-se em Mill Valley Califórnia em 1960. Lawrence Weiner divide o tempo entre o seu estúdio em Nova Iorque e o seu barco em Amesterdão. Participa em projectos públicos e privados e exposições na Europa e Estados Unidos, mantendo que a Arte é um dado empírico das relações dos objectos com os objectos e destes com aos seres humanos, não dependendo de qualquer precedente histórico para lhe conferir utilidade ou legitimidade.

¹ Barthes, Roland, «Authors and Writers», Critical Essays, USA: Northwestern University Press, 1972, citação disponível em http://www.citi.pt/estudos_multi/rute_araujo/bibliografia.html

Galeria

Filomena

Soares

www.gfilomenasoares.com

Em que instância arte e arquitectura se interpenetram de modo que esta última possa servir como ferramenta interpretativa de uma obra de arte?

Depois de um longo período de incerteza conceptual, hoje como nunca as artes plásticas e a arquitectura conciliaram-se como dois elementos de um diálogo interrompido. A arquitectura superou as exigências da especificidade cultural e conseguiu a liberdade de expressão que lhe permitiu desacorrentar-se do dogma do funcionalismo e da ideia oitocentista que a encerrava num exercício de atribuições primárias e teutónicas.

Tornou-se evidente que os artistas contemporâneos têm uma ideia arquitectónica da arte e que as artes plásticas se assumem não raras vezes como espaço analítico da arquitectura patenteando a sua evolução histórica e estilística, e que os arquitectos, por sua vez, têm uma visão artística da arquitectura. A arquitectura passou a propor soluções que reúnem estratégias artísticas enquanto o mote de grande parte da produção artística contemporânea se pode frequentemente relacionar com a arquitectura.

A arte entendida como meio que activa um determinado espaço dando resultado a uma interpenetração do objecto artístico com o espaço arquitectónico, desafiando a sua forma e estrutura, esmorecendo fronteiras e cruzando domínios. Em particular a escultura que interage de forma mais directa com a ordem e métrica arquitectónica criando um mundo de formas e volumes, definindo ou modificando o local onde é implementada.

Seja arquitectura moderna ou contemporânea, relação com o espaço físico e a sua ocupação, as diferentes obras da Galeria Filomena Soares aqui propostas são como dialectos de uma mesma língua, que de uma forma mais ou menos inequívoca nos remete para um determinado espaço físico.

Quando falamos em espaço referimo-nos ao espaço que a obra evoca ou apresenta mas também a um “outro espaço” que pode ser um espaço que não existe, um espaço invisível, um espaço imaginado ou um espaço que queremos construir.



ÂNGELA FERREIRA

Double Sided, 1996-2010 Edição 4 / 5

2 fotografias impressão light jet montadas em alumínio (1996- 1997)

1 estante de madeira, 1 mesa de madeira e ferro e 2 livros
Fotografias 120 x 150 cm (cada)

Estante 132 x 130 x 34

Livros Donald Judd - architecture, Architektur, Ostfildern-Ruit: Hatje Cantz, 2003 & Anne Emslie, The Owl House, Johannesburg: Viking, 1991; Ed. Peter Noever
Cortesia Galeria Filomena Soares

Esta instalação encerra dois projectos expositivos realizados por Ângela Ferreira entre 1996/97 e que estabelecia uma relação entre dois lugares distantes geograficamente mas próximos pela paisagem: a “Owlhouse” em Nieu-Bethesda no deserto de Great Karoo na África do Sul, onde viveu e trabalhou a escultora Helen Martins (1897-1976) e a Chinati Foundation que o artista norte-americano Donald Judd (1928 – 1994) fundou numa pequena cidade no deserto de Chihuahua, Texas, e que transformou em local de residência e atelier.

Double Sided Parte I (1996), apresentado na Chinati Foundation consistiu numa instalação que recriava o interior da “Owlhouse” que durante décadas de actividade artística Helen Martins foi povoando com esculturas fantasiosas. Double Sided Parte II (1997), apresentado no Ibis Art Centre em Nieu-Bethesda, vila da artista africana, consistia numa instalação baseada no atelier de arquitectura do artista minimalista em Marfa.

Double Sided, 1996-2010 não aspira a um estudo comparativo das duas obras mas apresentá-las em simultâneo com o objectivo de criar um espaço abstracto entre elas, dando ainda continuidade à investigação pós-colonialista que tem orientado os trabalhos de Ângela Ferreira relacionando arquitectos e artistas e afirmando em última instância o seu fascínio por diferentes histórias culturais, políticas e geográficas.

Considerando que as instalações realizadas no final dos anos 90 se afiguraram como acontecimentos temporários, subsistindo unicamente a sua documentação fotográfica, a obra adquire uma configuração distinta cada vez que é apresentada.

Ângela Ferreira (Maputo,1958) vive e trabalha em Lisboa. Formada na Michaelis School of Fine Art da Universidade do Cabo, a sua carreira internacional estende-se desde o início dos anos 90 entre a Europa e a África, onde tem participado em diversas exposições individuais e colectivas.

Das exposições individuais que realizou recentemente destacam-se: “Werdmuller Centre and other Works”, Michael Stevenson Gallery, Cidade do Cabo (2010); “Hard Rain Show”, Museu Colecção Berardo, “Hard Rain Show”, Centro de Arte Contemporânea La Crieé – Rennes (2008) e “For Mozambique”, Michael Stevenson Gallery, em 2008 e “Maison Tropicale”, Pavilhão de Portugal na 52ª Bienal de Veneza (2007).

Tem igualmente participado em inúmeras exposições colectivas em prestigiados centros culturais e galerias de todo o mundo, incluindo Graz, Sidney, Chicago, Barcelona São Paulo e Londres.

Publicado em vários livros e catálogos, o trabalho de Ângela Ferreira está representado em várias colecções públicas e privadas entre as quais CGAC - Centro Galego de Arte contemporânea e MEIAC em Espanha; Colecção António Cachola, Fundação Caixa Geral de Depósitos – Culturgest, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação PLMJ, Fundação de Serralves, Museu do Chiado e Fundação EDP em Portugal; Market Gallery Foundation, Michaelis School Of Fine Art Collection UCT, PHB Billiton Collection e The Johannesburg Art Gallery na África do Sul e Museion (Itália).



HELENA ALMEIDA

A Experiência do Lugar, 2001

Fotografia a preto e branco

129,5 x211 cm

Cortesia Galeria Filomena Soares

Nesta peça, realizada para o projecto “Experiência do Lugar, 10 locais da Universidade do Porto mostram 10 exposições de 10 artistas portugueses”, organizado pela Sociedade Porto 2001 e comissariada por Miguel von Hafe Pérez e Paulo Cunha e Silva, Helena Almeida, sem contrariar os pressupostos da sua obra, confrontou o seu trabalho com o espaço da Faculdade de Ciências onde produziu e posteriormente expôs as 11 fotografias que fazem parte desta série.

Embora se revele evidente a relação que a artista estabeleceu com o espaço físico da sala da Faculdade de Ciências, manifestando uma indiscutível determinação em desconcertar os limites do campo de visão fixos pela objectiva da câmara fotográfica e a arquitectura do espaço, “A Experiência do Lugar” representa uma das escassas séries que a artista realizou fora do espaço do seu atelier. A sua obra está intrinsecamente relacionada com a arquitectura desse espaço, um local que frequentou desde criança - Helena Almeida elegeu como local de trabalho o atelier de Campo de Ourique que pertencera ao seu pai, o escultor Leopoldo Almeida - e que nas últimas décadas tem sido concomitantemente palco e protagonista das suas fotografias.

Helena Almeida (1934) nasceu em Lisboa, onde vive e trabalha. Estudou Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e em 1959 foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris. Tendo realizado a sua primeira exposição individual de pintura no final dos anos 60, só na década de 90 começou a servir-se da fotografia como meio primordial para o registo de actos performativos no espaço do seu atelier. Desde então expõe regularmente em inúmeras exposições colectivas e individuais, um pouco por todo o mundo, incluindo Porto, 1995; Madrid, 1998; Áustria, 2003; Santiago de Compostela e Nova Iorque, 2000; Prémio PHotoEspana, 2003; Centro Cultural de Belém, Lisboa, 2004; CAM, Lisboa, 2005; Fundação Telefónica, 2008, tendo representado Portugal na Bienal de São Paulo em 1979 e na Bienal de Veneza (1982 e 2005) e na Bienal de Sidney, 2004.

Mais recentemente o êxito da sua primeira exposição individual no Reino Unido - “Inside Me” na Kettle’s Yard da University of Cambridge (2009), posteriormente exibida na John Hansard Gallery da University of Southampton (2010) - veio atestar a consagração de um trabalho e percurso admiráveis.

As suas obras estão representadas nas mais importantes colecções portuguesas e internacionais, entre outras, Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Banco de Espanha, Fundación Arco, Colección D’és Balluard, Fundação Coca-Cola, MUSAC, MACBA, Fundación Telefónica, MEIAC e CGAC em Espanha; BESart, Fundação Caixa Geral de Depósitos - Culturgest, FLAD, Fundação PLMJ, Fundação de Serralves, Fundação Calouste Gulbenkian, Museu do Chiado e Fundação EDP em Portugal; The National Museum of Western Art Tokyo, Japão; Sammlung Verbund, Áustria e Musée d’Art Moderne Grand Duc Jean no Luxemburgo.



JOÃO PENALVA

Série “Khosoko-doro”, 2006-2008

Impressão de pigmento sobre papel Innova Natural White de 310g montado sobre alumínio, tinta, molduras de carvalho e vidro acrílico.

Edição de 3+1 P.A.
230x152 cm (cada)

A série Kosokudoro, termo japonês para designar as vias rápidas elevadas e construídas sobre as avenidas perimetrais de Tóquio, foi iniciada em 2006. Combinando texto e imagem, a densidade do grão leva-nos a pressupor tratar-se de uma compilação de colagens de recortes de jornais ou uma recolha de imagens de filmes dos anos 60 quando na realidade todas as imagens são fotografias tiradas pelo artista in loco.

Em oposição à linguagem estritamente documental e arquitectónica das fotografias onde não são visíveis pessoas, os textos das legendas descrevem acontecimentos do dia-a-dia, conversas e meditações de transeuntes que circulam nas estradas e suas imediações. Histórias que levam o espectador a imaginar as cenas, suas personagens e a sentir a presença humana na paisagem arquitectónica de betão destas fotografias despovoadas.

João Penalva (Lisboa, 1949) vive e trabalha em Londres desde 1976, ano em que ingressou na Chelsea School of Art, onde se licenciou e concluiu o Mestrado em Belas-Artes (1976-1981). Professor na Academia de Arte de Malmö, Suécia, desde 2002, foi artista convidado do programa de residência da DAAD, Berlim, em 2003/04. Tendo representado Portugal na XXIII Bienal Internacional de São Paulo (1996) e na XLIX Biennale di Venezia (2001), expôs na I Melbourne International Biennial (1999), Berlin Biennale 2 (2001) e na Biennale of Sydney (2002). Das suas exposições individuais destacam-se, em 2010, Lunds konsthall, Suécia; Chiado 8 Arte Contemporânea e Galeria Filomena Soares, em Lisboa, e ainda Galeria Barbara Gross, Munique.

A título colectivo, integrou recentemente “Move: Choreographing You”, Hayward Gallery”, Londres; ‘What happens next is a secret’, Irish Museum of Modern Art, Dublin; “Broken Fall (Geometric)”, Galleria Enrico Astuni, Bolonha; Serralves 2009 – Obras da colecção, Porto; “A Mancha Humana”, CGAC, Santiago de Compostela; “Todas as Histórias”, Museu de Serralves, Porto; “Drawing a Tension — Obras da Colecção Deutsche Bank”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, entre outras.

O artista está representado em importantes colecções: Arts Council Collection (Reino Unido); CAM, Museu do Chiado, Museu de Serralves e Banco Espírito Santo (Portugal); CGAC, Fundación Coca-Cola, Fundación ARCO e Banco de España (Espanha); Dresdner Bank (Alemanha); Fonds Régional d’Art Contemporain Languedoc-Roussillon e FRAC Champagne-Ardenne (França); Irish Museum of Modern Art (Irlanda); KIASMA (Finlândia) e Musée d’Art Moderne Grand-Duc Jean (Luxemburgo).



© Paulo Cíntro, Laura Castro Caldas

JOSÉ PEDRO CROFT

Sem título, 2009

Ferro galvanizado e vidro

180 x 210 x 130cm

A relação com a arquitectura tem sido uma constante na obra de José Pedro Croft, acompanhando as suas investigações e reflexões artísticas. O seu trabalho gravita em torno de questões e problemáticas subjacentes à escultura, na relação com o espaço envolvente. Esse diálogo da escultura com o espaço é perceptível na obra do artista sobretudo a partir dos anos 90, década em que surgem as esculturas de estrutura metálica com placas de vidro e espelho que interagem com o espaço, integrando-o e activando-o.

Os espelhos têm ainda a função de proporcionar uma identificação entre a obra e o espectador que, através dos enquadramentos, tem um papel determinante e activo na contemplação desta. O espectador vê-se assim frente a frente num jogo fortuito em que é confrontado com uma multiplicidade de realidades reflectidas que lhe facultam uma experiência de transitoriedade e relembram, por último, que aquilo que existe é, por natureza, accidental, passageiro e por isso efémero.

No caso desta escultura, através do vidro essas possibilidades existem de uma forma mais complexa e subtil, mediante o jogo de reflexos e transparências.

José Pedro Croft (Porto, 1957) vive e trabalha em Lisboa. Licenciado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa, expõe regularmente desde 1981. Das exposições individuais que realizou na última década destacam-se, em 2009, Galeria Filomena Soares, Lisboa; Galería SENDA, Barcelona; Pinacoteca do Estado de São Paulo - Museu de São Paulo de Arte Contemporânea; em 2008, Pavilhão Centro de Portugal, Coimbra e Galeria Helga de Alvear, Madrid; em 2007, La Caja Negra, Madrid e Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; em 2006, CAM, Lisboa; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte. Tem ainda integrado inúmeras exposições colectivas em prestigiados museus e galerias, tais como Es Baluard, Palma de Mallorca; Museu Colecção Berardo, Museu do Chiado, Museu da Cidade e Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa; Fundament Foundation, Tilburg; Art Allgarve'09, Loulé; MARCO, Vigo e Musée d'Art Moderne Grand-Duc Jean, Luxemburgo, entre outros.

O trabalho de José Pedro Croft está publicado em vários livros e catálogos e representado em diversas colecções, públicas e privadas, destacando-se: Museo Centro de Arte Reina Sofia, Centro Galego de Arte Contemporâneo, Colección Bienal de Escultura "Ciudad de Pamplona", Fundación Caixa Galiza, MEIAC e Fundación La Caixa Barcelona (Espanha); Banco Central Europeu (Alemanha); Sammlung Albertina (Áustria); Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (Brasil) e em Portugal na Fundação de Serralves, Colecção Antóni Cachola, Museu Colecção Berardo, CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, Colecção Caixa Geral de Depósitos e FLAD.

Galeria

Graça

Brandão

www.galeriagracobrandao.com

Ao desafio da experimentação para que seleccionássemos obras de artistas representados pela Galeria Graça Brandão que se relacionassem directa e intimamente com “o espaço, a arquitectura ou os objectos”, respondemos com *À La Recherche du Temps Perdu*, de Nuno Sousa Vieira, *Sexta-feira*, de Nuno Ramalho e Renato Ferrão, *Drop e Sem Título*, de João Galvão, *Orgulho Ingenuamente Cruel*, de Rui Chafes, e *Prédio*, de Mauro Cerqueira.

Individualmente, e de forma diferenciada, cada trabalho aqui apresentado é catalisador de uma dinâmica polinização entre arte, arquitectura e design; investigam as sobreposições e os espaços vazios entre estas três categorias (ou disciplinas) e, enquanto resultado final, incorporam-nas e expandem-nas. Não agindo como elementos desafiadores do espaço de um modo tradicional, criam sinergias instigadoras de uma nova aproximação e reavaliação por parte do espectador daquilo que o rodeia e, por consequência, da sua relação consigo próprio.

De uma biblioteca espera-se que contenha livros. De um livro, espera-se que seja lido. *À La Recherche du Temps Perdu* contraria duplamente esta nossa memória: a da utilização comum do espaço e a expectativa de leitura dos livros. Esta contrariedade, ou traição da memória, desempenha aqui um papel central; lembra-nos afinal que recordamos fragmentos do passado de forma diferente em momentos diferentes e que os detalhes aparentemente insignificantes acabam muitas vezes por revelar-se os mais importantes.

São também estes detalhes que se transformam em elementos potencialmente perturbadores e causadores de alguma perplexidade e interrogação a quem os encontra, em *Sexta-feira*; uma plateia vazia e sem orador, um espaço facilmente reconhecível e aparentemente inócuo ou controlado, conforto defraudado pela discreta inclusão do inesperado.

Os trabalhos de João Galvão actuam de forma invasiva mas, sinuosa e sensualmente, estabelecendo a perfeita osmose entre arte e espaço arquitectónico. Desenvolvem-se de forma silenciosa, quase imaterial, quase inesperadamente, como uma erva daninha que alastra ou uma dúvida que se instala, conduzindo, mas não obrigando, a um processo reflexivo sobre o carácter e função da obra de arte.

Também o posicionamento de *Orgulho Ingenuamente Cruel* é muito discreto; não há o sentido de ostentação brutal de poder ou de colonização inesperada de um lugar. O efeito desta intervenção é subtil e revela uma interacção autêntica e íntima com o ambiente e espaço envolventes e uma consciência sensível, bem como clara das suas qualidades escultóricas.

Correndo o risco de exagerada simplificação, de uma forma mais ou menos directa os artistas intervêm sobre o construído, acrescentam ao construído e apropriam-se dos seus materiais de construção.

Elaborado a partir de objectos encontrados no prédio onde se situa o ateliê de Mauro Cerqueira ou recolhidos na zona envolvente, *Prédio* pretende ser uma maquete do edifício, cartografia subjectiva da área onde este se insere; a precariedade, tensão e fragilidade demonstradas caracterizam a paisagem arquitectónica e social da Baixa do Porto actualmente.

A relação entre as três disciplinas é imemorial; obra de arte, espaço arquitectónico e objecto doméstico sempre interagiram, se influenciaram mutuamente, impulsionaram a sua criação e desenvolvimento, foram inspiração e companhia. Assim se demonstra e comprova nesta exposição.



JOÃO GALRÃO

Drop, 2007

Madeira, tecido elástico, gaze, massa mineral, tinta acrílica e verniz

120 x 33 x 26 cm

Cortesia Galeria Graça Brandão

JOÃO GALRÃO

Sem Título, 2003

Madeira, massa universal, esmalte acrílico

100 x 45 x 45 cm

Cortesia Galeria Graça Brandão

Efabulação formal e sensual, estabelecem a perfeita osmose entre espaço e arquitectura, de forma invasiva mas silenciosa, quase imaterial, conduzindo, e não obrigando, a um processo reflexivo sobre o carácter e função de cada obra.

João Galrão (Sintra, 1975) vive e trabalha em Lisboa. Em 1996, concluiu o Curso de Conservação e Restauro do Património Edificado na EPRP de Sintra e em 2001 o Curso Avançado de Artes Plásticas do Ar.Co, Lisboa.

Desde 1996 tem apresentado vários projectos individuais, destacando-se Deadline, Galeria Graça Brandão, Lisboa, 2009; After Hours, The Chemistry, Praga, 2008; You are now in my dreams, Galeria Graça Brandão, Porto, 2006; Antes de Partir, Casa Triângulo, São Paulo, 2005; e Contratempo, Vera Cortês - Agência de Arte, Lisboa, 2005. Entre as exposições colectivas que integrou contam-se: Afrontamentos 5, Quase Galeria - Espaço T, Porto, 2009; Corredor 1, Estúdios SP Televisão, Lisboa, 2008 e Home Sweet Home, Centro de Arte S.João da Madeira, 2006. O seu trabalho está representado nas colecções do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação PLMJ, Colecção António Cachola e Colecção Bergé (Espanha).



NUNO SOUSA VIEIRA

A la recherche du temps perdu, 2006

Livros e MDF

6,5 x 100 x 24 cm

Cortesia Galeria Graça Brandão

Como a narrativa original, a obra funde passado e presente, divagando sobre tempo, memória e duração: o tempo vivido e a impossibilidade da sua recuperação. A memória desempenha aqui um papel central; recordamos fragmentos do passado de forma diferente em momentos diferentes e os detalhes aparentemente insignificantes acabam por revelar-se os mais importantes. A fragmentação/parcelamento dos sete volumes representa o tempo que se vive e o tempo que já não nos pertence, perda reforçada pela impossível leitura de qualquer destes volumes.

Licenciado em Artes Plásticas pela ESTGAD - Caldas da Rainha, Nuno Sousa Vieira (Leiria, 1971) vive e trabalha entre Leiria e Lisboa.

Em 2010 apresentou duas importantes exposições individuais no estrangeiro: *Don't underestimate the impact of the workplace*, na Newlyn Art Gallery and The Exchange, Reino Unido, e *Haben Gegenstände ein Gedächtnis?*, na Hans Mayer Gallery, Alemanha, bem como um projecto na ARCO, Madrid, com curadoria de Adriano Pedrosa. Ainda a título individual, protagonizou as mostras *3ª feira a Sábado - 11h às 20h*, Galeria Graça Brandão, Lisboa, 2010; *Chão Morto, Carpe Diem*, Lisboa, 2009; *To Draw an Escape Plan*, Galeria Graça Brandão, Lisboa, 2009 e *Redesenhar*, Empty Cube, Lisboa, 2008.

O seu trabalho está representado em diversas colecções: CAV (Centro de Artes Visuais), Colecção Teixeira de Freitas, Colecção PLMJ, Colecção António Cachola, Câmara Municipal de Leiria, Colecção Paulo Pimenta e Colecção José Lima.



MAURO CERQUEIRA

Prédio, 2010

Madeira e copos de vidro

73 x 130 x 19 cm

Cortesia Coleção Teixeira de Freitas

Construído a partir de objectos recolhidos no prédio onde se encontra o ateliê do artista e a zona envolvente, a peça pretende ser uma maqueta deste prédio, encerrando em si algumas características do edifício e, simultaneamente, integrando-o no contexto da baixa do Porto. Precariedade, tensão e fragilidade são algumas dessas características.

Licenciado em Artes/Desenho pela ESAP Guimarães, Mauro Cerqueira (1982, Guimarães) vive e trabalha no Porto. Em 2005 integrou a GARBA - Giovani Artist Residenti in Basilicata, uma residência de jovens artistas em Itália. Desde então tem apresentado diversos projectos individuais, de que se destacam: Jim, Galeria Graça Brandão, Lisboa, 2010; Engoliu a espinha e foi operado para ser enforcado no dia seguinte, ARCO, Madrid (com curadoria de Adriano Pedrosa), 2010; Como passos num chão oco e escavado por baixo, Empty Cube, Galeria do IPT, 2009; Sua boca, aberta para gritar, estava cheia de terra, Kunsthalle Lissabon, Lisboa, 2009; Falling from Grace, The Mews, Londres, 2009 e A Festa do Fim do Mundo, A Sala, Porto, 2008. Participou igualmente em várias exposições colectivas, a saber Prémio EDP Novos Artistas, Museu da Electricidade, Lisboa, 2009; MV / C+V, Centro Cultural Vila Flor, Guimarães, 2009; Tokyo Art Fair, Tóquio, 2008 e FIAV.07, Centre Culturel Pablo Néruda, Nîmes, 2007.



NUNO RAMALHO + RENATO FERRÃO

Sexta-feira, 2006

Cadeiras em madeira

Dimensões variáveis

Cortesia Galeria Graça Brandão & Galeria Quadrado Azul

Sexta-feira é uma plateia vazia e sem orador onde, num quadro convencionalmente ordenado, se produzem efeitos de distorção.

Nuno Ramalho (1975, Oliveira de Azeméis) e Renato Ferrão (1975, V. N. Famalicão) colaboram regularmente desde 2004. Desde essa data, têm participado em diversas exposições individuais Estúdio, Fundação Carmona e Costa, Lisboa, 2009; Nuno Ramalho por Renato Ferrão Renato Ferrão por Nuno Ramalho – Entrevista, Galeria Reflexus – Project Room, Porto, 2009; Impreciso, in.Transit, Porto, 2007; No Future, Galeria 24b, Oeiras, 2005; Imóvel, Salão Olímpico, Porto, 2004), assim como colectivas: Fiat Lux – Iluminación y Creación, MACUF, A Coruña, 2010; eNTRONCAMENTO, Espaço Avenida, Lisboa, 2009; Busca-Pólos, Pavilhão Centro de Portugal, Coimbra, 2006; Em Torno, Palácio de Cristal, Porto, 2006; Em Fractura – Colisão de Territórios, Fundação de Oeiras/ Hangar K7, Oeiras, 2005.



RUI CHAFES

Orgulho Ingenuamente Cruel (para Eva Klabin), 2007

Ferro

97 x 60 x 81 cm

Cortesia Galeria Graça Brandão

Duas sombras: a que percorre a casa no silêncio da noite e a que se instala na cidade quando a noite acabou e a luz violenta e descarada do sol dissolve os corpos. A noite dissolve as almas enquanto uma voz nos fala seriamente das verdades que nos esperarão no futuro. Sensualidade que é desejo de esquecimento. Não a conhecemos, nunca a vimos e, no entanto, ela ficará para sempre conosco e atravessará todo o Atlântico para nos acompanhar, da mesma maneira que atravessou todo o Atlântico acompanhada do sarcófago do seu marido morto. As grandes alegrias são mudas. Quem é esta senhora, de belas mãos rapaces, cujos olhos nunca se fecham? O Anjo da Destruição fala-nos do tempo marcado pelo bater de um coração que se quebra. Espero por estas duas sombras nos limites externos do mundo, ali onde as vozes não se calam nunca, onde as almas estão inflamadas e queimam mais do que brilham em todo o esplendor do seu glorioso fermento. Aproxima-te de mim, deixa-me contagiar-te. Sombras que pairam pela casa, sombras que aparecem por detrás dos nossos olhos. Serenidade saciada maculada de repugnância, invocações e soluços abafados, imobilidade voluptuosa. Estas sombras são tão sensuais e abandonadas que consigo ouvir o som da terra movendo-se através do seu peso.

Rui Chafes (Lisboa, 1966) vive e trabalha em Lisboa.

Licenciado em Escultura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (1984/89), estudou com Gerhard Merz na Kunstakademie Dusseldorf entre 1990 e 92.

Começou a trabalhar com ferro e aço em 1987, participando desde então em inúmeras exposições individuais e colectivas. Representou Portugal na XLVI Bienal de Veneza, com Pedro Cabrita Reis e José Pedro Croft, e participou na XXVI Bienal de São Paulo.

O seu trabalho está representado em diversas colecções: Esbjerg Kunstmuseum, Dinamarca; Museum Folkwang Essen e Museum Würth, Alemanha; Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Espanha; Fundação Calouste Gulbenkian, Museu de Serralves e Museu Colecção Berardo, Portugal e S.M.A.K., Bélgica, entre outras.

Distinguido em 2004 com o prémio Sculpture Prize Robert-Jacobsen da Würth Foundation, na Alemanha, a actividade de Rui Chafes compreende a concepção e realização de diversos livros que acompanham o seu trabalho de escultura.

A vida entre muros, possivelmente

Coloco um quadro na parede. Esqueço-me a seguir de que existe essa parede. Já não sei o que existe por detrás da parede, apenas sei que existe uma parede. Já não sei que esta parede é uma parede, já não sei o que é uma parede. Deixei de saber que no meu apartamento existem paredes, e que se não fossem as paredes, o apartamento não existiria. A parede já não é aquilo que delimita e define o espaço que habito, que separa a minha casa das outras, não é nada mais do que um suporte para o quadro. Mas também me esqueço do quadro, já não vejo o quadro, já não sei como olhar para ele. Sou obrigado a colocar um quadro na parede para me esquecer de que existe essa parede, mas ao esquecer a parede, esqueço-me do quadro também. Existem quadros porque existem paredes. Temos de nos esquecer de que existem paredes, e não encontramos outra solução senão a dos quadros. Os quadros eliminam as paredes. Mas as paredes aniquilam os quadros. Daí que estamos continuamente em mudança, ou das paredes, ou então dos quadros. Estamos permanentemente a colocar quadros nas paredes, ou então estamos constantemente a mudar um quadro de uma parede para outra.

Georges Perec

O que é que a disposição dos objectos, entendam-se domésticos, e a arquitectura têm em comum (ou não), ou então, onde é que os objectos e a arquitectura se encontram? Uma das respostas possíveis a esta questão é o interior. As peças elegidas para esta exposição são peças de interior, que definem, mapeiam, questionam, delineiam e articulam, de uma maneira ou outra, esse espaço, a sua superfície maleável, os seus limites, e que aportam para o seu estatuto privado, de articulação da subjectividade, numa reacção à vida moderna.

Os interiores, desde o século XIX, são espaços fabricados, produzidos por uma acção de “infoling”, termo utilizado por Walter Benjamin, que entende o interior como uma superfície mole e impressionável, um espaço erigido pelo habitante. Apesar de liquidados (na opinião de Benjamin) estes espaços novecentistas ajudam-nos a entender a relação dos objectos com a arquitectura, de como os objectos podem ser uma reacção à arquitectura, e como a subjectividade, a privacidade e identidade social são suportados através de artefactos, reunidos neste domínio doméstico e íntimo.

O interior novecentista surge como um espaço à margem da produção e do trabalho. É com esta divisão de esferas que surge a possibilidade de emergência do interior doméstico. Benjamin alia esta divisão da casa/trabalho a um determinado tipo de experiência. A experiência longa (Erfahrung), ligada à tradição, à acumulação de conhecimento ao longo do tempo, é contrária à experiência instantânea (Erlebnis) caracterizadora da dinâmica da vida moderna. A cidade aliena a experiência longa e é no interior doméstico que encontramos o seu último reduto. Para Benjamin, esta experiência longa é passível de ser encontrada nos objectos encontrados e valorizados pelo habitante-coleccionador, que os identifica e conserva por despertarem, por libertarem memórias involuntárias para lá do objecto, da carapaça que os enclausura. Marcel Proust, na obra *Em Busca do Tempo Perdido*, fala-nos de uma crença celta que dita que as almas partidas se encontram presas em seres inferiores; em animais, plantas e objectos inanimados. No dia em que encontramos estes objectos perdidos, eles despertam, estremecem e interpelam-nos. Chamam por nós. Neste dia raro, o feitiço quebra-se e os objectos superam a morte, retornando para partilhar as nossas vidas.

Um interior despido de livros, de retratos, de estantes, de música, de um estore meio puxado, é um interior sem pistas, um mapa sem coordenadas. Uma casa vazia, uma arquitectura sem objectos é uma casa sem sombras, sem calor, sem indícios, sem impressões, sem presenças e sem relações. Sendo um palco sem acção, a ausência transforma-se numa presença negativa, talvez tão importante como o objecto que se escolhe exhibir.

Nancy Dantas, Novembro 2010



JOÃO SEGURO

Casa da Fermentação #1, 2010

Mogno e dobradiças metálicas

Dimensões variáveis

Cortesia MARZ Galeria, Lisboa

Casa da Fermentação #1 é uma escultura composta por um biombo e um objecto que remete para uma secção de soalho, o qual desenha o movimento de uma porta a abrir sobre esta superfície. Ambos são elementos que se relacionam com o espaço interior da casa. O biombo remete para um determinado tipo de mobiliário que se deseja imperceptível e subtil na sua aplicação, sendo a função principal a de separar e ocultar. Na obra de João Seguro, estes elementos sofrem uma deslocalização ou oposição, onde lhes é retirada esta função primária. O objecto em si não é anulado, mas a sua vida dupla invocada.

João Seguro (n. 1979) vive e trabalha em Lisboa.

Licenciado em Pintura pela FBAUL (1998-2003), possui o Mestrado em Belas Artes da Chelsea College of Art & Design da University of the Arts London (2003-2004).

Em 2005, foi vencedor do prémio BES Revelação, Banco Espírito Santo/Museu de Serralves, Porto. Das suas exposições recentes destacam-se as individuais O desconhecido desconhecido, MARZ Galeria, Lisboa (2010); Six Degrees of Separation, MARZ – Galeria, Lisboa (2008); Out of the corner of the eye, Empty Cube, Lisboa (2007); Sur la passage de quelques personnes à travers une assez courte unité de temps, C.G.P.B., Bordéus (2007); Centro de Artes Visuais, Coimbra (2007); 360° Avalanche, Lisboa20 Arte Contemporânea, Lisboa (2005) e as colectivas Quantos Queres, MARZ – Galeria, Lisboa (2010); Uma mesa e três cadeiras, Edifício ETIC, Lisboa (2009); 11ème Festival International Bandits-Mages, Château d'eau – Chateau d'art, Bourges (2009), 102-100 Galeria de Arte, Castelo Branco (2009), I can't go on, I'll go on (com Luís Paulo Costa), Sala Bêbé, Lisboa (2008).

O seu trabalho encontra-se representado nas colecções do BESart, Lisboa e Fundação PLMJ, Lisboa.



DIOGO PIMENTÃO

Quad (II), 2009

aparas de lápis

dimensões variáveis

Cortesia MARZ Galeria, Lisboa

Na sequência de uma residência artística na fábrica de lápis Viarco, onde o artista teve acesso a material de desenho dos mais variados formatos, surge Quad (II). Composta por aparas de lápis de cor, a peça forma um desenho no chão. Este desenho, de carácter objectual, dialoga com a sala e os seus elementos arquitectónicos, rompendo o espaço ao inserir nele uma espécie de dobra. Não se trata de um desenho tradicional, do domínio do traço, mas um desenho palpável e movível, formado pelos restos de utensílios que formarão desenhos futuros (são as aparas que restam da produção industrial dos lápis de cor).

DIOGO PIMENTÃO

Livro horizontal, 2009

Cartolina, papel impresso e madeira

3 x 32 x 22 cm

Cortesia MARZ Galeria, Lisboa

Livro horizontal, constituído por cartolina, papel impresso e madeira, apresenta-se como um livro aberto, inidentificável, cujas páginas parecem ter sido rasgadas, derrogando a sua função e modo de leitura convencional. No que resta destas páginas, podemos ainda ler alguns caracteres, decifrar algumas palavras, mas nunca alcançar um texto original. O desenho, foco central de pesquisa do artista e actividade tão directa como mediada por superfícies ou acções, torna-se nesta peça objecto e lugar de uma respiração, de uma fala inteligível mas performativa no rasgar das páginas, dada a uma pluralidade de leituras devido ao seu carácter conceptual.

Diogo Pimentão (n. Lisboa, 1973) vive e trabalha em Château-Landon (FR). Em 1998 completou o curso de artes plásticas da Ar.Co em Lisboa. Em 2004 foi seleccionado para o Prémio EDP, expondo um conjunto de desenhos no Centro Cultural de Belém. Entre as exposições individuais, destacam-se: Diferido, MARZ – Galeria, Lisboa (2009); Prefixo, Galeria Presença, Lisboa (2008) e Cousa, Fundação Carmona e Costa, Lisboa, da qual nasceu uma publicação pela Assírio & Alvim em 2006. Das exposições colectivas recentes em que tem participado, salientam-se: The Drawing Machines, Galerija Gregor Podnar, Berlim (2010); Solar Skill, Galeria Fluxia, Milão (2010); Au fil de l'oeuvre, La Galerie, Noisy-le-Sec (2010); Infinite Fold, Galerie Thaddaeus Ropac, Paris (2010); Museu Geológico, Lisboa (2009); Congrès à géométrie inverse, Grand Palais, Paris (2009); La Ligne, La Vitrine, Paris (2009); Lá Fora, Museu da Electricidade, Lisboa (2009); O contrato do desenhista, Plataforma Revolver, Lisboa (2008); La Promesse de l'Ecran, CAPC, Bordéus (2008); Maison de la Suisse (Le Corbusier), Cité Universitaire, Paris (2008); Trava-Línguas, Galeria Vera Cortês, Lisboa (2008); Antena 1, Fundação Eugénio de Almeida, Évora (2008).

O seu trabalho encontra-se representado nas colecções da Fundação de Serralves, Porto; Fundação PMLJ, Lisboa; Fundação EDP, Lisboa e Museu de Arte Contemporânea de Elvas/Colecção António Cachola, Elvas.



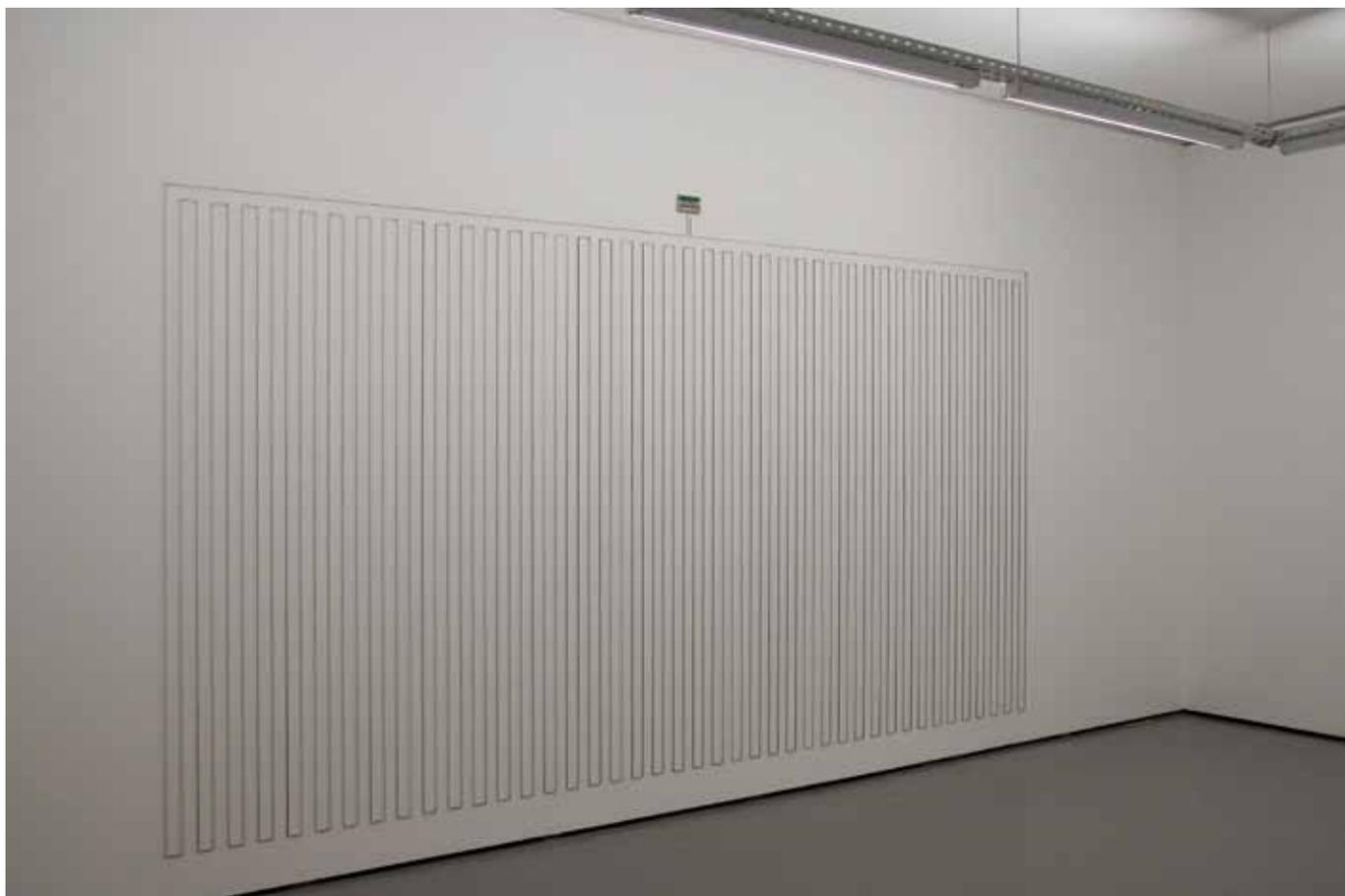
NICOLÁS ROBBIO

Sem Título, 2009

Papel recortado, banco e retroprojector
dimensões variáveis
Cortesia MARZ Galeria, Lisboa

A obra de Nicolás Robbio reflecte um espírito observador e sensível, cujas linhas depuradas e simplicidade de meios conferem uma síntese poética a imagens e objectos prosaicos. Nesta obra, o artista rasga sobre a parede uma janela imaterial, um ponto de luz, de fuga – de fuga para a imaginação. Servindo-se de um banco em madeira, um retroprojector e uma folha de papel recortada, Robbio torna o invisível visível, deslocando a bi-dimensionalidade do desenho para o volume.

Nicolás Robbio (n. Mar del Plata, Argentina, 1975) vive e trabalha em São Paulo. Com formação em artes plásticas, trabalha dentro da fotografia, pintura, desenho e instalação, lidando especialmente com espaços em branco, vazios geométricos, transparências e a interrupção da linearidade através de uma observação íntima do quotidiano. Em 2007, foi artista residente na International Studio Program Bethanien Kunsthaus, Berlim, e em 2005, na Firstsite – Minorities Art Gallery, Universidade de Essex, Colchester. Entre as exposições individuais recentes destacam-se: *Se mueve pero no se hunde*, Galeria Vermelho, São Paulo (2010), *+ que a mis ojos*, Galerie Invaliden1, Berlim (2009); *Partida*, MARZ - Galeria, Lisboa (2009); *Indirections*, Pharos Centre for Contemporary Art, Nicosia (2008) e *Por Puntos*, Galería Nueveochenta, Bogotá (2008), entre outras. Recentemente, o trabalho de Robbio integrou várias exposições colectivas em León (2010), Ecatepec (2010), São Paulo, Langenhagen, Londres, Porto, San Juan e Lisboa. O seu trabalho encontra-se representado nas colecções do Museu de Serralves no Porto, Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo e Museu de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA).



RUI VALÉRIO

'120 min', 2009

Cassete áudio

220 x 365 cm

Cortesia MARZ Galeria, Lisboa

Nesta obra, Rui Valério continua a sua exploração sobre o uso de formatos de música pré-gravada no contexto das artes visuais, despojando estes objectos da função habitual e abstraindo-os do seu contexto prático. Neste caso, o artista debruça-se sobre a cassete e a fita magnética que a compõe. Em 120 min, a fita magnética é utilizada para um outro tipo de gravação – a do desenho. Tendo como ponto de partida a caixa de plástico que aloja a fita, o artista traça sobre a parede um desenho cujo caminho labiríntico, quando percorrido, regressa ao ponto de origem. Este desenho é resultado de um cálculo da extensão original da fita, assim respeitando o objecto, não o submetendo a operações de corte ou manipulação, e expondo o que corresponderá, em termos métricos e neste formato, a 120 minutos de som gravado. Os efeitos da espécie de grelha construída, em combinação com o brilho e variantes de luz da fita magnética, produzem uma obra de leitura também ela cinética.

Rui Valério nasceu em 1969 em Lisboa, onde vive e trabalha. Licenciado em 1997 no curso de Artes Plásticas – Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, concluiu em 2008 a Tese de Mestrado em Artes Visuais/Intermédia na Universidade de Évora, onde lecciona actualmente como Assistente. Das suas exposições individuais contam-se Volume II, MARZ Galeria, Lisboa (2009), LP no espaço Appleton Square, Lisboa (2007); Historia de La Musica Rock, CAMJAP-Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2003) e Historia de la Musica Rock, Atelier Museu António Duarte, Caldas da Rainha (2002). Tem participado em diversas exposições colectivas desde 1993, das quais se destacam as mais recentes Filme e Vídeo na Colecção do CAM, CAMJAP-Fundação Calouste Gulbenkian (2010); On the edge, in the middle, Janalyn-Hanson White Gallery, Iowa (2008); Where are you from?, Falconer Gallery, Grinnell, Iowa (2008); Central Europa 2019, Plataforma Revólver, Lisboa (2008); Densidade Relativa, CAMJAP-Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2005).

O seu trabalho encontra-se representado na colecção do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão em Lisboa.

Vera Cortês Art Agency

www.veracortes.com

Daniel Blaufuks, John Wood and Paul Harrison e Rui Calçada Bastos representam três processos de investigação que, apesar de distintos entre si, se aproximam na forma como os objectos representados nas suas peças não são apenas referentes de si próprios mas extravasam a sua dimensão quotidiana, ainda que mantendo-se radicados na ideia de representação. As imagens criadas por estes artistas operam uma ligeira deslocação daquilo que são objectos ou situações comuns, e nesta descontextualização abrem espaço a pequenas narrativas ficcionadas que partem das possibilidades visuais/ formais que estes objectos sugerem. Não perdendo de vista a verosimilhança face ao real, esta desaparece lenta e inevitavelmente sem que isso seja notado: os objectos e situações a que se reportam sofrem modificações, uma análise profunda de referências quotidianas dá azo a um potencial visual que nos reporta a dimensões de tempo e afecto. Estas são dependentes de estruturas diversas com que se deparam estes artistas nas suas lógicas de organização, baseadas na experiência pessoal, ou na observação e análise de situações encontradas. A permuta de valores a que assistimos nestas imagens procede de uma transformação pela História, pessoal ou colectiva, ficcionada ou simplesmente facciosa.

John Wood & Paul Harrison desenvolvem pequenas narrativas que partem da capacidade sugestiva do objecto, visual e formal, numa construção da ausência de representação do espaço, adicionando e subtraindo à importância do objecto em transformação a presença do cenário que, apesar de quase invisível, paira sobre a imagem em movimento.

Daniel Blaufuks trabalha sobre a cristalização da memória através de referências e vestígios encenados ou encontrados. Os objectos apresentados são ou tornam-se auto-biográficos e expõem a sua narrativa ao encontrarem na fotografia a representação do seu prolongamento enquanto História, sendo a sua veracidade uma incógnita.

Rui Calçada Bastos desenvolve uma relação performativa com a cidade, retirando desta ligação elementos de trabalho: o próprio artista e meio urbano aproximam-se numa rotina diária, um acompanhamento das metamorfoses simultâneas que ocorrem sob o olhar do artista, situações que sob a observação deste se transformam em eventos.



DANIEL BLAUFUKS
n° 37, Série Album, 2008

c-print

100 x 80 cm

Cortesia de Vera Cortês Art Agency

O homem guardava tudo. Havia programas de teatro e bilhetes de avião, postais com imagens coloridas e cartas em envelopes com selos estrangeiros. Havia instantâneos e, claro, também algumas fotografias de maiores dimensões. Junto destes encontravam-se desenhos, alguns a lápis, outros a tinta e pena, e algumas aquarelas. Alguns não eram maus. Mas mesmo os menos bem feitos tinham sido feitos à mão e deviam ter algum valor, quer para quem os produziu ou para quem os recebeu. Todos estes eram objectos que qualquer pessoa poderia guardar. Depois, havia listas de compras esbatidas, recibos do leite e da manteiga, horários do autocarro expirados há anos – itens que poucas pessoas guardariam por mais de uma semana ou duas, excepto se fossem dedutíveis nos impostos ou, mais provavelmente, por engano, esquecidos no bolso de um sobretudo que não é usado há muito tempo, e encontrá-los anos mais tarde proporciona um breve momento de prazer de uma quase auto-arqueologia. E depois havia ainda pequenos pedaços de papel rasgados com uma ou duas palavras ilegíveis gatafunchadas.

Alguns eram suficientemente grandes para conservar toda ou parte de uma frase, outros eram tão pequenos que apenas restava uma sílaba incompreensível, como se fosse um meio eco ou uma saudação, possivelmente importante, interrompida pelo bater de uma porta. Tudo o que tivesse uma letra, uma impressão ou uma imagem fora conservado. As sombras tangíveis de uma vida estavam por todo o lado, quase manchando as prateleiras, mesas, armários e secretárias sobre as quais pousavam, como que esperando a redescoberta ou a redenção, ou simplesmente companhia. *

* O homem guardava tudo de Thomas Mckean foi escrito para o livro O Arquivo, um álbum de textos de Daniel Blaufuks. Edições Vera Cortês Agência de Arte

Daniel Blaufuks utiliza no seu trabalho a fotografia e o vídeo, apresentando o resultado através de livros, instalações e filmes. Os seus temas de predilecção são a ligação entre o tempo e o espaço e a representação da memória privada e pública.



JOHN WOOD & PAUL HARRISON

100 boxes, 2009

1'40", Mini DV, Single channel

Cortesia de Vera Cortês Art Agency

Poderia ter sido um acontecimento dramático.

Poderia ter sido:

Um acidente em trânsito

Um duplo a cair dentro de uma pilha de caixas

Uma cena de um filme de comédia onde todos os dias o protagonista enfia o pé numa caixa de papelão vazia e vai tropeçando sem parar.

Ou talvez tenham sido atiradas de um edifício ou de um veículo em movimento.

Ou talvez fosse uma pessoa a saltar de uma cadeira para cada caixa.

A mesma acção repetida cem vezes com o mesmo resultado.

A mesma acção repetida cem vezes com cem resultados ligeiramente diferentes.

De qualquer maneira, em termos da sua estrutura dramática, o vídeo é mais ou menos o mesmo no começo, meio e fim.

John Wood e Paul Harrison têm trabalhado em colaboração desde 1993, produzindo obras de vídeo com base em instalação e ecrã único.

Investigando a relação entre a figura humana e arquitectura, o seu trabalho desenvolve-se sob a forma de vídeos de curta duração (20 segundos - três minutos), com particular ênfase nas acções que formuladas e resolvidas num intervalo de tempo determinado.

Cada obra contém uma "lógica" interna, acção relacionada à duração. Dentro deste "mundo lógico" (espaço arquitectónico, o espaço da galeria, o escritório, o laboratório) a acção é permitida acontecer sem qualquer razão lógica, existe uma tensão entre o ambiente e o seu habitante, o jogo é incentivado e as influências são intencionalmente misturada - história da arte, comédia, educação via Open University, desenho, ciência ...

Muitas vezes filmados contra um fundo branco simples, as obras assemelham-se aos desenhos (ou diagramas) a partir dos quais são desenvolvidas.



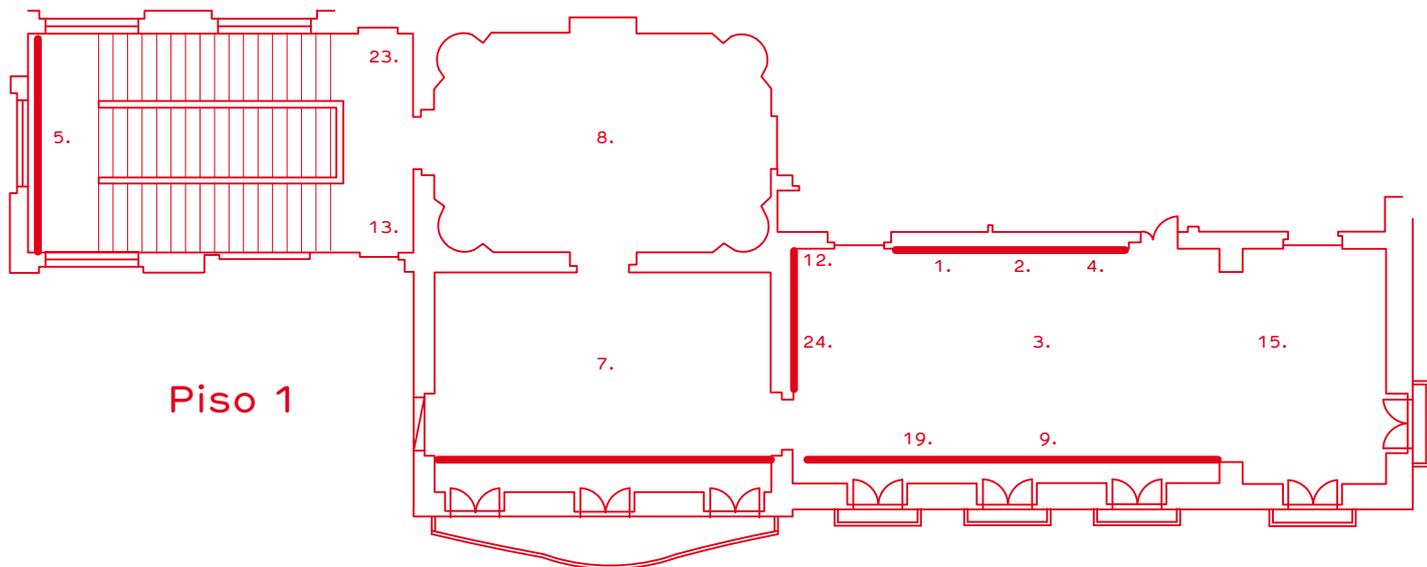
RUI CALÇADA BASTOS
Díptico. Sem Título, 2008

Impressão Inkjet, Fine Art Photo Paper
60 x 85 cm (cada)

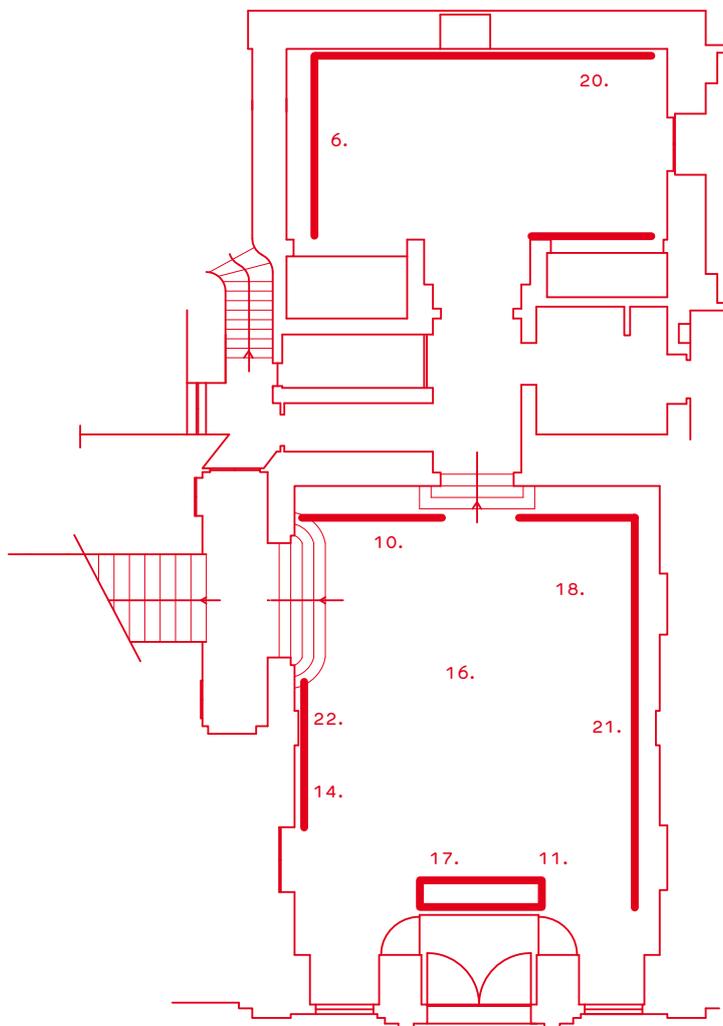
Cortesia de Vera Cortês Art Agency

Composta por uma combinação de fotografias de grande formato, este trabalho encapsula o interesse de longa data do artista no urbanismo e nas suas experimentações artísticas com a cidade global como um espaço itinerante, um estúdio sem lugar.

Rui Calçada Bastos (Lisboa, 1971) vive e trabalha em Berlim. Após uma passagem pelo Atelier Livre (Lisboa) e cerca de dez anos de residência em Macau, frequentou a Escola de Belas Artes do Porto e de Lisboa (Pintura) e completou o curso de Escultura do Ar.Co. Em 2002 foi artista residente na Cité International des Arts, Paris e no ano seguinte iniciou uma residência artística na Kunstlerhaus Bethanien, Berlim, como bolsheiro Joao Hogan, a que se seguiu uma bolsa estatal da Neuer Berliner Kunstverein em 2004. Em 2005 foi nomeado para o Prémio União Latina e fundou com alguns artistas espanhóis residentes em Berlim INVALIDEN1, um espaço de apresentação de projectos de arte contemporânea. Distinguido com a bolsa Marcelino Botin em 2006, desenvolve novo trabalho em Xangai com o apoio de Fundação Oriente em 2008. Em 2011 estará como artista residente na Villa Aurora em Los Angeles. Rui Calçada Bastos expõe regularmente desde 1995.



Piso 1



Piso 0

Baginski, Galeria/Projectos

1. André Romão
Modelo para sede do sindicato dos mineiros
2. André Romão
Vitruvius
3. Gonçalo Sena
Moide/Modelo para eixos verticais
4. Gonçalo Sena
Sem Título

Cristina Guerra Contemporary Art

5. Lawrence Weiner
& From the Above
6. Rui Toscano
To the Mountain Top

Galeria Filomena Soares

7. Angela Ferreira
Double Sided
8. José Pedro Croft
Sem Título
9. João Penalva
Série dos "Khosoko-doro"
10. Helena Almeida
A Experiência do Lugar

Galeria Graça Brandão

11. João Galvão
Sem título
12. João Galvão
Drop
13. Mauro Cerqueira
Prédio
14. Nuno Sousa Vieira
A la recherche du temps perdu
15. Nuno Ramalho e Renato Ferrão
Sexta-feira
16. Rui Chafes
Orgulho Ingenuamente cruel (para Eva Klabin)

Marz Galeria

17. Diogo Pimentão
Livro Horizontal
18. Diogo Pimentão
Quad (II)
19. João Seguro
Casa da Fermentação #1
20. Nicolás Robbio
Sem Título
21. Rui Valério
Cassete

Vera Cortês, Art Agency

22. Daniel Blaufuks
nº 37, Série Álbum
23. John Wood and Paul Harrison
100 boxes
24. Rui Calçada Bastos
Sem título da série Life in a Bush of Ghosts

Em 2010 e ao cabo de mais de 10 anos, a experimentadesign iniciou uma nova etapa da sua actividade. Resultado de uma parceria, assume durante um ano a curadoria da sede cultural do IADE, o Palácio do Barão de Quintela e Conde de Farrobo, no Chiado. Para a experimentadesign, esta presença em contínuo na capital portuguesa é uma oportunidade de consolidar o seu trabalho de aproximação do público nacional ao design e disciplinas de projecto e sensibilização para o seu potencial transformador e actualizador. De igual modo, permite explorar formatos e tipologias de evento mais flexíveis, com dimensões e durações distintas, ampliando a rede de agentes e parceiros envolvidos.

Fortemente centrado na criatividade portuguesa, converte o Palácio num hub criativo de experimentação e partilha. A programação iniciou-se a 16 de Junho com Revolution 99/09, uma exposição de design gráfico e industrial português. Reunindo cerca de 190 projectos de mais de 70 designers e estúdios, apresentou uma visão da produção nacional da última década através de um acervo que ultrapassou as 400 peças.

Seguiu-se Pontes para um Futuro Mais Positivo (Setembro - Outubro), uma exposição de 54 propostas para uma ponte ciclável sobre a 2ª circular em Lisboa. Estes projectos são fruto do Concurso Internacional de Ideias lançado pela Fundação Galp Energia em parceria com a EXD'09, que desafiou arquitectos e engenheiros a projectar um novo equipamento para a cidade. Totalizando mais de 13 mil visitantes em apenas 99 dias, a expressiva afluência de público às duas primeiras iniciativas da programação da experimentadesign comprovam o potencial do Palácio como pólo cultural emergente, visando captar e envolver mais interlocutores na discussão e exploração em torno destas disciplinas.

Em Dezembro, o Palácio é novamente palco de uma exposição, desta feita Display: Objects, Buildings and Space, que reflecte sobre a relação entre a arte, o espaço, a arquitectura e os objectos. Para a experimentadesign, cujo território principal é o design e a cultura de projecto, o relacionamento com todas as outras formas de expressão criativa, cultural e científica está na génese do trabalho da associação desde a sua criação em 1998. Assim, e depois do design e da arquitectura, foi a vez da arte contemporânea, dos seus agentes – galeristas e artistas – serem desafiados a responder a um desafio temático que é também um convite à reflexão crítica e ao cruzamento transdisciplinar, uma prática tão necessária quanto enriquecedora no panorama actual.

A programação do Palácio Quintela continuará a promover aproximações de diferentes práticas criativas, tendo a cultura projectual como plataforma de articulação e potenciação de sinergias.

(e)

DESIGN DA EXPOSIÇÃO E PRODUÇÃO
(experimentadesign)

CONSTRUÇÃO, ILUMINAÇÃO E MONTAGEM
Carpintauto

TRANSPORTADORA
FeirExpo

SEGURADORA
Axa Portugal - Companhia de Seguros SA

EQUIPA
Goreti Mourão; Joana Leitão; Renata Candeias

AGRADECIMENTOS
Ana Cristina Reis Parro, Andrea Baginski, Carlos Marzia,
Cristina Guerra, Filipa Moniz, Inês Grosso, Inês Teixeira,
José Mário Brandão, Luiz Augusto Teixeira de Freitas,
Manuel Santos, Vera Cortês

Os textos são da responsabilidade das respectivas galerias.

Rua do Alecrim 70
1200-018 Lisboa
+351 210 993 045 T
+351 210 963 866 F

entrada gratuita
ter-dom 10:00-20:00

VISITAS GUIADAS
edu@experimentadesign.pt

info@experimentadesign.pt
www.experimentadesign.pt

PRESIDENTE
Guta Moura Guedes

DIRECTOR EXECUTIVO
Mário Carneiro

DIRECTORA FINANCEIRA
Teresa Oliveira

ASSISTENTE DE DIRECÇÃO
Ana Caldeano

ASSISTENTE ADMINISTRATIVA
Teresa Sequeira

COORDENADORA DE PRODUÇÃO E DESENVOLVIMENTO
Carla Cardoso

PRODUÇÃO
Luís Ferreira

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO
Sara Battesti

DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA
Sofia Baptista

EDITORA
Rute Paredes

DESIGN GRÁFICO
Nuno Luz

WEB DESIGN
Marco Reixa

COORDENADOR DESIGN RESPONSE
Pedro Rocha Vieira